ANO 7.º — Sexta-feira, 20 de Março de 1914 — NUMERO 314

O DEMOCRATA (AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias)	1$20
Semestre	$60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha	4 centavos
Comunicados	2 centavos

Anúncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Portugal e Espanha

Para hoje deixámos a referencia ao que, a proposito (se é que póde dizer-se que são *apropositadas* as considerarões que vão lêr-se motivadas pelo que, no titulo do artigo, se chama a *plena anarquia* de Portugal) dos acontecimentos derivados do ultimo movimento dos ferro-viarios, publicou, já quando findara tal movimento e a normalidade se restabelecera por completo, o jornal madrileno *A B C*.

Eis o artigo:

Em plena anarquia — A situação em Portugal

Sempre temos cometido em Espanha o lamentavel desatino de não nos importarmos para nada com o que sucede em Portugal. E' um gravissimo erro em que incorremos todos e dele somos igualmente culpados—governantes e jornalistas. Portugal não nos interessa, não o conhecemos, nada sabemos do que ali acontece. Dir-se-ia que, em vez de apenas dividido de nós pela linha convencional de uma fronteira, se acha encravado na extermidade do Polo Norte.

Isto, que é sempre lamentavel, ainda muito mais o é em circunstancias como as actuaes. Portugal está atravessando uma situação dificilima. Desencadeadas as paixões revolucionarias e triunfante a anarquia, a vida social tornou-se impossivel. O tumulto está na ordem do dia e a dinamite converteu-se em fundamento de direito. Aqueles que um dia acusaram os partidarios da ordem e os elementos religiosos de deitar bombas, demonstram agora, por factos, que eram eles os que se serviam delas e as continuam empregando.

O que sucede em Portugal estava previsto como inevitavel. Bastava considerar o que havia no fundo da revolução para compreender que não era a Republica que podia satisfazer as aspirações do povo. Hoje em dia as fórmas de govêrno não influem nada na melhoria social dos povos: uma mudança de regimen não é mais do que uma mudança de nome; a transformação não se faz com constituições nem com leis; está mais no fundo: no esfôrço colectivo e no trabalho de cada um.

O caso de Portugal, por te-lo tão proximo e tão recente, deve ser para nós um ensinamento e um exemplo.

Achava-se em Madrid, quando isto foi publicado no *A B C*, o director do *Diario de Noticias*, que entendeu do seu dever de português e jornalista, visto saber por informações seguras que era destituida de fundamento a parte essencial do artigo daquela folha—o estar triunfante a anarquia em Portugal—asserção sobre a qual assentavam as restantes considerações do articulista, enviar ao director do *A B C* a seguinte carta:

Ex.[mo] *Sr. e meu ilustre colega*

Madrid, 1 de março.—Acabo de lêr no *A B C* um pequeno artigo intitulado—**Em plena anarquia.** *La situacion em Portugal*—que me força a pedir a V. Ex.ª a publicação das seguintes linhas:

Causou-me esse artigo o mais profundo desgosto, não só porque não corresponde, em parte, á exactidão dos factos, mas porque vem publicado num jornal tão importante e considerado como o de V. Ex.ª

Quem esta carta escreve é tambem director dum jornal—o *Diario de Noticias*, de Lisboa—que não tem feição partidaria ou politica, que procura sempre ser desapaixonado e imparcial, que é moderado na linguagem e nos processos jornalisticos, e que respeita, acima de tudo, a verdade, favoreça ou desfavoreça ela os interesses de quem quer que seja, mesmo que se trate dos seus proprios. Creio que o *A B C* se norteia por iguaes normas e por isso confio em què não recusará boa acolhida a estas minhas explicações.

Nestes termos, dado o amor que tenho á minha patria e a entranhada simpatía por este país que amiudadas vezes visito com tanto prazer e onde conto amigos que muito prêso, não estranhe V. Ex.ª que eu julgue de meu dever, e por homenagem á verdade, não deixar passar sem protesto a parte da local do *A B C* a que me refiro e em que se assegura que em Portugal triunfa a anarquia!

Nada menos exacto, felizmente.

Quando comecei a lêr o artigo aludido, que principiava por censurar o desconhecimento reciproco dos dois países—Espanha e Portugal—e o desinteresse mutuo que parece haver entre eles, eu esperava que se concluisse pelo desmentido dos falsissimos boatos que na imprensa espanhola teem corrido ultimamente a proposito de uma *gréve* de poucos dias e de importancia e duração bem menores do que as de outros conflitos semelhantes com que se teem debatido ou estão debatendo diversas nações da Europa. Tanto mais que era facil, quer por comunicações telegraficas e postaes, quer pelo testemunho de pessoas vindas de Portugal todos estes dias—e ainda esta manhã de Lisboa chegaram alguns estrangeiros de distinção que me declararam estar o meu país na mais perfeita tranquilidade—saber-se que essa *gréve* terminou por completo pouco depois de declarar-se por parte de um reduzido numero de operarios ferro-viarios.

Sabe-se isto mesmo nos escritorios do Sleeping-Car e das outras companhias de caminhos de ferro espanholas que teem relações com as portuguêsas.

Esperava, pois, dizia eu, que a conclusão da local do *A B C* fosse atribuir ao desconhecimento e desinteresse, que justamente verberava, existente entre os dois países, os boatos infundados que circularam com tanto prejuizo para Portugal.

Mas infelizmente a conclusão era dar ali a anarquia como triunfante e dominadora!

Pois devo assegurar a V. Ex.ª que, quando os jornaes de Madrid, não cértamente por ma fé, mas por má informação, ainda noticiavam que Lisboa se achava isolada, com todas as comunicações telegraficas interrompidas (o que, no principio da semana passada, tão verdade era para Portugal como para a parte ocidental de Espanha durante os ultimos temporaes, e só por causa deles) já eu estava recebendo telegramas de Lisboa, que porei á disposição de V. Ex.ª se os quizer vêr.

Regresso esta noite a Lisboa, como sempre, saudoso, sim, de Madrid e da sua boa hospitalidade, e absolutamente cérto de que vou encontrar em Portugal tranquilidade e socego, mas, como sempre tambem, desgostoso de que, conforme muito judiciosamente nota o *A B C*, em Espanha se não conheça e aprecie melhor a situação da minha patria e de que num e noutro país melhor se não conheçam e apreciem reciprocamente as suas cousas e as suas pessoas.

Ambos eles só teriam a lucrar sob o ponto de vista politico, economico e comercial, com que a verdade triunfasse em tudo e para todos, desanuviando-se emfim a atmosfera de suspeições e desconfianças que pesa sobre as relações dos dois povos irmãos da peninsula.

Eis os fervorosos votos do de V. Ex.ª

Colega e admirador obrig.º

Alfredo da Cunha

Esta carta datada do dia 1 do corrente, e enviada ao *A B C* no dia seguinte, e cujos termos eram, como se vê, mais do que simplesmente cortezes, além de serem moderados e correttissimos para com o jornal a que se dirigia e para com o país a que ele pertence, não foi publicada, que nos conste, até ante-ontem, nem o será, provavelmente.

Ha quem nos diga que, havendo o *A B C* publicado tantas fantasias e inexactidões ácêrca do que sucedera em Portugal, não quiz, por coerencia, dar cabimento a uma carta que só continha verdades e informações cértas.

Por nossa parte, não fazemos comentarios. Os factos são suficientemente eloquentes, na sua singela narração, para que os dispensem.

Eles, infelizmente, só confirmam, com um pormenor mais, cujo alcance convem que meçam bem os que se deixam arrastar por faceis e comodos optimismos, a razão das considerações que deixámos expendidas nos dois artigos aqui insertos ultimamente e subordinados ao titulo que serve de epigrafe a estas linhas.

N. da R.—O *A B C* sempre inseriu, embora o mais recatadamente que lhe foi possivel, o resumo, em 16 linhas escassas, da carta de rectificação que o director do *Diario de Noticias* lhe dirigira dez dias antes e que atraz deixâmos transcrita.

Apanhado em flagrante mentira vê-se que lhe custou a engulir a pilula...

UM PADRE NO PARLAMENTO

Um padre, o sr. Rodrigo Fontinha, afirmou no parlamento *que queria a Separação, como a queria Briand, dando se a todo o individuo a faculdade de pensar como muito bem quizer em materia religiosa.*

Ha quasi tres anos que vivemos na idade de ouro do regimen separatista. Tem havido conflitos, porque, cidadãos no uso pleno dos seus direitos, tem seguido á risca a doutrina defendida pelo sr. padre Foutinha, isto é, tem posto em prática o seu direito de pensar e obrar consoante a sua consciencia em materia de religião. Apenas os católicos com sua bestial intolerancia tem contrariado as palavras do sr. padre Fontinha, não reconhecendo aos que não são católicos, o direito de pensar e obrar como muito bem entenderem.

Em muitas partes as manifestações do culto externo tem sido proíbidas como uma consequencia dos desmandos e abusos da feroz intransigencia dos fanaticos acaudilhados pelos colegas do sr. padre Fontinha.

Quem assim fala parece dar a entender que no tempo em que se exigiam as congruas, os bens da alma e outras alcavalas, havia inteira liberdade de consciencia, quando os tribunais caíam a fundo sobre aqueles que não acatavam as pueris e réles imposturas do catolicismo. Diz mais o deputado sr. Fontinha que a lei foi feita com *intuitos perseguidores, ad odium.*

Só um espirito de sectarismo é capaz de semelhante afirmação.

A lei foi feita não para perseguir, mas para defêsa da sociedade civil, e pena é que a sua leitura não pudésse ser obrigada á missa conventual em todas as paroquias da Republica. A lei foi engendrada com todas as peias necessarias para surtir o desejado efeito, porque o grande espirito do legislador tinha bem presentes, pelas lições da historia, as manhas, as cavilações e artificios da instituição que tinha de regulamentar.

A dureza e resistencia de um freio deve calcular-se pela dureza da boca do animal que dele tem de fazer uso. O contrario é um perigo. Mas, seja como fôr, um subdito fiel de Roma é quem tem menos autoridade para classificar de *perseguidora* uma lei que traçou a esfera de acção a essa legião de emeritos perseguidores, a essa horda de chacais que se organisaram unicamente para roubar, prostituir, massacrar, intrigar, sob a capa da justiça, da concordia e da caridade.

Da perseguição tem vivido essa nefasta e hedionda instituição que tem a sua séde em Roma e que para vergonha da humanidade em nome de Cristo legalisou todos os crimes, justificou todos os atentados e afogou em sangue os povos pervertidos pelas suas doutrinas, no intuito ganancioso de saciar as suas ambições de mando e de rapina.

As guerras religiosas atiçadas pela igreja, as fogueiras da inquisição e os morticinios das cruzadas projectam ainda, até nós, um clarão de horror que apavora.

Quem faz parte duma sociedade que tem como ponto de orientação o *syllabus*, esse sumario de asneiras em que os progressos das sciencias fisicas e sociais são condenados, carece de autoridade para classificar de *perseguidor* qualquer acto do poder civil. Perante as monstruosidades da igreja, a lei da Separação não passa de um meio legitimo de defêsa da Republica, todo brandura e paz.

Esta, esta é que é a unica e inconpativel verdade.

Junta Distrital de Aveiro

(Comissão executiva)

Na sua sessão do ultimo sabado, a comissão executiva da Junta Geral, depois de tomar conhecimento do expediente, incluindo o balancete do tesoureiro, discutiu as bases do orçamento que ámanhã deve ser apresentado em reunião extraordinária da Junta e deliberou consentir na saída duma internada do asilo-escola para casa de familia respeitavel.

Por fim autorisou vários pagamentos encerrando-se em seguida a sessão.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

Nós e a "Soberania do Povo,,

A "casa do conselheiro,, em cheque — Palavras insofismaveis do jornal monarquico (?!) d'Agueda

Parece-nos que, com pouco, deixámos já suficientemente demonstrado nas colunas dêste jornal o direito que nos assiste de classificarmos de intrujões os *aristocraticos* rabiscadores da *Soberania*, onde pontifica o Conde de Agueda e as instituições republicanas são constantemente alvejadas pelo *Almeidinha dos Oculos* e outros almeidinhas que por lá abundam com ordem expressa de sistematicamente atacarem a Republica a que o Conde aderiu *com toda a sinceridade que o caracterisa* e é pertença exclusiva da alta individualidade que representa na politica com um *desinteresse*, um *desassombro* e uma *lealdade* que realmente são unicos por não existir quem de tanto bôjo seja dotado para se aventurar ao que o falido dirigente da *Soberania* se tem abalançado.

Mas ha mais. Prova-se que a *casa do conselheiro* não só estava republicanisada, não só tinha perdido todo o amor ao rei e á monarquia, como ainda se considerava algo desgostosa por nêste distrito bastantes republicanos haver desconfiados da lealdade do seu protesto de adesão ao novo govêrno.

E' mentira?

Vejam os nossos leitores este artigo que veio publicado na *Soberania* a 22 de outubro de 1910, mas vejam com atenção:

SOBRE OS ADERENTES

«Poucas palavras, mas as poucas palavras esclarecem, quasi sempre, um pensamento preciso. Está implantada a republica, as novas instituições permanecem e numerosa multidão de aderentes corre a juntar-se no côro dos que entoam hinos em honra do regimen que triunfa.

Eu disse já com toda a clareza o que tinha no meu coração. Não é sem um movimento de ternura que me lembro do desgraçado principe que reinou dois anos em Portugal e foi levado á terra do exilio pelos acidentes da vária fortuna que acompanharam constantemente o seu mal aventurado govêrno. Mas esse principe está em país estranho e a legião de fieis que o sustentavam no trôno foi quebrantada e desfeita. Poderão á nação portuguêsa vir dias de gloria ou dias de desastres, **mas a fórma monarquica jámais poderá resurgir dentre os escombros de uma ruina ou da expansão de uma politica generosa e grande. Temos todos que contar com a republica, com as suas consequencias, favoraveis e uteis, um dia, desfavoraveis e lastimosas, outro dia, porque hade acontecer ás instituições creadas o que acontece a todas as fórmas de govêrno, isto é, ter alternativas de felicidade e desgraça.**

A republica é, incontestavelmente, um govêrno criado, criado quasi sem morticinios e horrores, e que entrou rapidamente na placida execução de um plano seguro. Mas ha aderentes e ha submetidos ao regimen que triunfou. Os aderentes parecem muitissimos, os submetidos são em numero escasso. Mas eu vejo que se faz reparo em que um cidadão ou um grupo de cidadãos ligados por um sentimento de solidariedade declarem a sua lealdade ao regimen novo, chegando a impôr-se aos que protestam o seu desinteresse e a sua inclinação pelas instituições a formula transacional da sua adesão ou da sua submissão. Eu permito-me a liberdade de divergir. Se eu aderir á Republica é porque quero aderir. Não me façam mercê, não hajam os poderes publicos contemplação com as minhas suplicas de benesses e considerações, que não tenho razão de me queixar até de que me não concedam o que a justiça recomenda e obriga, mas não consentirem que eu adira e proteste lealdade ao govêrno novo isso é que é admiração e espanto.

Poderão, é certo, duvidar dos meus sentimentos leais, mas eu não posso ter a pretensão de ganhar confiança e afecto no espirito de quem me não conhece, de quem se não compraz com a minha convivencia ou dos que não possuem a mesma indole, a mesma transigencia, em uns pontos, ou a mesma intransigencia, em outros pontos.

Não sei se digo bem, se me exprimo mal. Porque compreendo a necessidade que ha, nêste excepcional momento, de falar por frases incompletas ou linguagem inexpressiva de modo a não maguar nenhum sentimento ou provocar qualquer má vontade.

Quiz escrever poucas palavras, mas escrevi muitas palavras e não exprimi nenhum pensamento, vejo agora.»

A. de M.

Assim se exprimia aquêle que no tempo em que o fez era o principal orientador da *casa do conselheiro*. Ora se com toda a clarêsa do seu espirito, *A. de M.*, disse na *Soberania do Povo* que **poderão á nação portuguêsa vir dias de gloria ou dias de desastres, mas a fórma monarquica jámais poderá resurgir dentre os escombros duma ruina ou da expansão duma politica generosa e grande,** que sentido faz o virem agora os que então acompanhavam *A. de M.* e a identicas declarações ligaram o seu nome, sendo talvez, até, o Conde de Agueda ainda mais explicito, quebrar lanças exatamente pela fórma de govêrno que, sem restrições, publicáram —**jámais poderá resurgir dentre os es-**

combros duma ruina ou da expansão duma politica generosa e grande?

E' isto coerencia? Foi algum dia isto proprio, estas subitas reviravoltas, de politicos de convicções ou de homens de palavra? Que o diga a gente imparcial, que nós uma vez os classificámos de intrujões, de videirinhos e basta. De intrujões, que só uma casta os póde egualar, que é a que o *Bichêsa* representa na Vera-Cruz; de videirinhos porque só o interesse, qualquer que seja a fórma porque se apresente, é susceptivel de mudanças de opinião tão momentaneas.

Mas se é certo que em tudo se egualam os *camaleões* de Agueda e de Aveiro—os da *casa do conselheiro* e a bicharia *dramatica* da Vera-Cruz—claro está, afinal, que nós é que não sabemos o que seja a *verdadeira independencia de pensar e a verdadeira lealdade de proceder*, nem tão pouco *compreendemos atitudes que não sejam as dos que se acocoram ou sevandijam*...

Os insignes pantomimeiros teem razão. Eles, eles é que a sabem toda e tudo o mais é droga.

Tão completo como isto nem de encomenda. Agueda e Aveiro gabam-se e com justificado motivo. E' que estas *avis-rara* nem em toda a parte aparecem...

Recreio Artistico

Comemorou ontem mais um aniversario esta florescente agremiação local cujas salas estiveram expostas ao publico durante o dia.

A's familias dos socios foram oferecidos uma recita por amadores na noite de 17 e na seguinte um baile, decorrendo todos os festejos efectuados no meio de grande entusiasmo.

Mi-carême

No *Club dos Galitos* houve na noite de quarta para quinta-feira uma *soirée* familiar, saindo os convidados assaz satisfeitos com a maneira afavel como foram recebidos pela direcção da prestante colectividade.

Tomou parte a fina flor das tricanas de Aveiro, não nos constando, todavía, que alguma delas tivésse *cerrado a velha*...

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 40$00 o vagon.

A Festa da Arvore

IMPRESSÕES

Não foi em vão que o professorado desta cidade e do concelho se esforçou para que a simpatica festa de domingo atingisse a mais elevada significação e falasse bem alto aos centenares de corações infantis que nela tomaram parte.

Foi, sem duvida, empolgante, para os olhos que souberam vêr, essa enorme aluvião de creanças, percorrendo na melhor ordem o itenerario do seu cortejo, dirigidas pelos seus professores e professoras, que, num disvelo verdadeiramente notavel, em todas elas cuidavam, mantendo-as na fórma ou atendendo as suas reclamações e pedidos, com uma solicitude e cuidado dignos de registo.

Cêrca das 13 horas, reunidas em frente do edificio das escolas centraes do sexo feminino as alunas destas como as de todas as outras escolas da cidade e de algumas do concelho, empunhando grande quantidade de creanças, pequenas bandeiras nacionaes, poz-se em marcha o enorme cortejo entre estrepitosas vivas acompanhadas dos hinos da *Arvore*, da *Bandeira*, da *Maria da Fonte* e nacional, pelas fanfarra do Asilo Escola e banda do regimento de infanteria 24, no qual tambem tomaram parte o elemento militar, representantes da câmara municipal, piquetes de ambas as corporações de bombeiros, alunas do colegio de N. S. da Conceição e da escola normal, etc.

Percorrido o itenerario e plantadas as arvores entre palmas e saudações várias, o que se realisou junto do edificio da escola da Vera Cruz e na Praça Marquês de Pombal, o cortejo dirigiu-se para o jardim publico onde devia ser distribuido o *lanch* ás creanças, cêrca de mil, que ali déram entrada no meio duma indicritivel alegria.

Antes da distribuição, porém, os internados do asilo, que se encorporaram na manifestação, sob as indicações do seu professor e ajudante do director daquela casa, sr. Jeremias Lebre, executaram com uma precisão e perfeição bem dignos de registo, dificeis numeros de ginastica suéca que a numerosa assistencia admirou e aplaudiu ouvindo os rapazes e o seu instrutor palavras de merecido encomio, inclusivé de vários oficiaes do exercito.

Segue-se depois a distribuição do *lanch* e a petisada toma posições no angulo direito sul do jardim. Cada creança recebia um pão com queijo, uma rosca doce, um cartucho de bolos, e bebia tambem a sua pequena ração de vinho, oferta da vereação municipal.

Essa distribuição foi feita com uma solicitude fatigante pelas ilustres professoras e professores, sendo egualmente distribuido aos asilados de ambos os sexos que se encorporaram no cortejo a sua merenda perfeitamente egual.

Refeitos os estomagos, o entusiasmo redobrou e a rapaziada entrou de cantar vários hinos organisando então danças de roda e outras com as suas condiscipulas emquanto no coreto a magnifica banda regimental, por especial deferencia do sr. comandante de infanteria, executava vários numeros de musica entre eles o *Tango Argentino*, ouvido com muito agrado, não só porque para todos era uma novidade como por causa do reclame que a tal musica tem sido feita, até pelo vigario de Deus na terra, que, pelo visto, ultimamente resolveu tambem meter-se em *danças*...

Aproximavam-se, porém, as 17 horas, sendo essas as que estavam destinadas ao inicio do espetaculo cinematografico, sessão que gentil e cavalheirosamente a direcção do teatro cedêra a pedido da comissão organisadora da festa, e, assim, a pequenada, posta de novo em fórma entre aclamações estridentes, rompeu em marcha para o cinêma, onde a entrada se fez na melhor ordem.

A plateia foi toda ocupada pelas meninas sendo distribuidos por todos os outros logares os rapazes, que os encheram por completo, sendo então belo o espetaculo oferecido pela infantil assistencia, que numa alegria doida irrompia em furiosas salvas de palmas, entremeiadas de vivas e empolgantes canções. Num dado momento todos se ergueram entoando o hino nacional, numa vib ração de entusiasmo e de alegria verdadeiramente comovente para aqueles que, como nós, as vicissitudes e desenganos da vida e dos anos, ha muito apagaram a santa ingenuidade e os doces sonhos que animavam os centenares de corações que, tenros e puros, ali palpitavam na mais adoravel das despreocupações!

Quando sobre o *écrain* incidiu a luz da objectiva e se apagou a primeira ordem de lampadas, ergueu-se um clamor unico, indiscritivel, que se extinguiu, comtudo, tão rapidamente como as ultimas luzes, porque apareciam as primeiras figuras da fita prendendo por completo a atenção da irriquieta assistencia.

Nos intervalos reboavam as palmas e nas scenas comicas que desenrolavam as fitas, gargalhadas estridentes eram em demasia denunciadoras do gosto e da graça que elas despertavam aos espetadores.

Terminado o espetaculo novas manifestações se produzem e toda aquela mole de creanças sae satisfeita e radiante, impressionada vivamente ainda por quanto viu e aprendeu.

Festa verdadeiramente encantadora e emocionante, deixando-nos no espirito por largo tempo uma viva impressão de intimo prazer, ela, todavia, proporcionou um doloroso testemunho, que nos trouxe o triste convencimento de que, numa casa, por debaixo das janelas da qual se agitaram milhares de pessoas, vibrando tantas manifestações de vida e de alegria, palpitariam, sem duvida, alguns corações que, partilhando da festa, na sua mais alevantada significação de amor e carinho, não lhes era, contudo, permitido nem sequer presencearem-na visto como até as portas foram cerradas com esse fim!

Referimo-nos ao *Colegio Moderno*, que só por irrisão assim se denomina.

Nem professores, nem alunos dessa casa se associaram á festa infantil tão afastados andam, ao que parece, das coisas do mundo...

Más não contentes com essa tão incorreta quanto indigna atitude, nem sequer as janelas desse colegio foram abertas, á passagem do cortejo, permitindo a aparição nelas das alunas que o frequentam ou nele estão internados e que cértamente sentiram intimos desejos de vêr, ao menos, esse numero. Mas á Festa da Arvore opõe-se as regras da seita, ainda ali observadas, como as duma ramificação do extinto convento de Santa Joana, e isso lhe impedia desumanamente, jesuiticamente esse simples prazer!

E' verdadeiramente tirano para as creanças este procedimento; mas registemos nós, liberaes e republicanos, que ele não é menos provocador e afrontoso para todos—para esta cidade e especialmente para o regimen.

* * *

No quartel de cavalaria 8, onde tambem está instalado o 1.º batalhão de infanteria 24, foi feita a plantação duma arvore a que assistiu não só toda a oficialidade como as praças, no seu maior numero, usando na ocasião da palavra o capitão de infanteria, sr. Strecht de Vasconcelos.

Noutras localidades

(Dos nossos correspondentes)

Requeixo, 16

A festa da *Arvore* aqui não podia ser mais brilhante para uma freguezia como a de Requeixo, mórmente por ser circunscrita aos logares do Carregal, Mamodeiro e Povoa de Valado. Os logares restantes só primam pela absoluta abstenção, o que, diga-se de passagem e em abono da verdade, lhe está a caracter.

A's 11 horas, no logar do Carregal, onde compareceu a conceituada filarmonica de Fermentélos, professores de Mamodeiro e Povoa do Valado com seus alunos, um dos quaes empunhando a bandeira nacional e outro a bandeira da escóla do sexo masculino de Mamodeiro, sem deixar no esquecimento os muitos que eram portadores de pequenas bandeiras, formou-se alegre cortejo, rompendo a filarmonica com o hino nac ional. Percorridas as principaes ruas do Carregal, o prestito civico dirigiu-se ao logar de Mamodeiro onde se plantaram arvores ou se ratificou a substituição—quanto custa dizer isto!—das que mãos criminosas tinham inutilisado!

* * *

Em Mamodeiro, no Largo da Republica, levantava-se um coreto adrede preparado e bem ornamentado, para o qual subiu a familia escolar de Mamodeiro e Povoa de Valado, seus professores e a filarmonica, cantando as creanças o hino nacional, o das escolas e a *Sementeira*, cantos que prenderam a atenção do auditorio assás numeroso.

Antes disto, porém, havia-se formado a mêsa para a distribuição de premios e donativos aos alunos pobres, que foi assim constituida: *presidente*, Manuel Francisco Braz; *secretários*, dr. Almeida Seabra e Manuel Maria Tavares.

Antecipou-se á distribuição de premios e donativos a oração do digno professor primario sr. José dos Santos Costa que no seu pequeno mas impressionante discurso, mostrou com proficiencia o quanto era util e agradavel o plantio das arvores tão proprio da humanidade, estigmatisando ao mesmo tempo, ainda que benevolamente, o proceder de aquêles que dois dias antes désta festa, verdadeiramente patriotica, se tinham dado ao prazer de destruir todas as plantações que nos terrenos publicos de Mamodeiro e Povoa do Valado

Manuel Francisco Braz
(Benemerito da instrução)

se haviam feito, operação que a familia escolar ia completar nêste dia, ampliando-a. Foi béla a sua oração, mas benigna para gente tão cruel, que só de humana tem a fórma.

Feita a distribuição de premios e donativos pelo benemerito cidadão presidente, seguiu o cortejo, depois de um copo de agua oferecido pelo digno regedor, nosso amigo Claudio José Portugal, em direcção á Povoa do Valado, seguido de muito povo.

Ao norte do terreno onde a selvageria foi praticada está situada a escóla mixta da Povoa do Valado, escóla devida á filantropia do benemerito sr. Manuel Francisco Braz, unico dêste logar, que dotou a terra onde nasceu com um melhoramento désta ordem, a par de outros a que deu principio, mas que nem por isso mesmo deixa de ser odiado pelos discolos que no regimen da podridão estavam viciados no cometimento do mal. E' assim, sr. Braz!

Mas não é isto motivo paru esmorecimentos. A rasão dos bem intencionados ha-de vencer os perversos. Por isso e ainda relativamente á festa que havia de convencer o sr. Braz de que o povo da sua freguezia, todo, se encontra a seu lado considerando o como merece, acrescentaremos que não podia o seu fim ser melhor.

No logar referido e em cima dum monte foi colocada uma mêsa e pelo professor Domingos Marques de Carvalho convidado o sr. dr. Eduardo Moura a tomar a presidencia escolhendo este para o secretariarem os srs. Manuel Francisco Braz e Claudio José Portugal.

E como se achasse presente o director do *Democrata*, sr. Arnaldo Ribeiro, que havia sido convidado para vir fazer uma conferencia ao ar livre sobre a significação da *festa da Arvore*, a êle foi logo dada a palavra produzindo então este nosso amigo um longo e substancioso discurso em que não só evidenciou os seus dotes de orador fogoso, como o amor por tudo quanto nêste mundo póde ser justo e santo, reprovando acremente, sem resentimentos pessoaes ou politicos, o procedimento daquêles vandalos que, antes da festa, procuraram com o seu procedimento infame, abater-lhe o brilho sem que contudo o tivéssem conseguido.

Foi muito ovacionado.

Segue-se-lhe no uso da palavra o sr. professor Santos Costa. Mais bréve na sua exposição, nem por isso deixou de cativar as simpatías do auditorio. Não seremos nós, e comnosco quantos o escutaram, que lhe regatearemos encomios.

Nem o tempo nem o espaço nos permite mais, concluindo por dizer que a *festa da Arvore* terminou na Povoa de Valado por um *lanch* aos alunos das escolas da freguezia de Requeixo, a que este logar pertence, oferecido pelo benemerito cidadão sr. Manuel Francisco Braz, e servido pelas dignas professoras, sr.as D. Idalinda Dias dos Santos Ferreira e D. Euleusina dos Santos Urbano, abrilhantando a mesma festa a ausencia da respectiva junta de paróquia, apezar de previamente convidada para fim tão altruista.

Verdade é que, quem aconselha os seus administrados a não prestar obediencia a uma intimação, está abaixo de toda a critica.

F.

Esgueira, 16

Decorreu brilhante a *festa da Arvore* em Esgueira.

Num dos mais pitorescos locaes dos suburbios de Aveiro, Outeiro de Esgueira, hoje *Alameda 31 de Janeiro*, em frente ao grande viaduto do caminho de ferro, uma riba do antiquissimo porto daquéla vila, terminou o percurso do luzido cortejo, abrilhantado pela musica do Asilo-escola de Aveiro, de que é regente o sr. Lé.

Tivémos o gosto de vêr fazer a distribuição duma abundante refeição a um enorme circulo de 280 creanças, que punham, na periferia daquéla riba, um remate encantador. Num quadro preto, ao centro duma placa do jardim, estavam estes sugestivos versos:

Nésta riba de mui antigo porto,
A luz da grande tocha,
Do sol,
Alta e divina,
Melhor desabrocha
E se ilumina
A mente da infancia,
Que vem aqui com ancia.

C.

Alquerubim, 16

Realizou-se ontem nésta freguezia a festa nacional da *Arvore*. Apezar de não haver musica e banquete, como no ano passado, nem por isso deixou de ser uma festa simpatica. A's 10 horas sessão da junta para a inauguração da sua bandeira, que esteve içada todo o dia. A's 14 horas formação do cortejo com mais de duzentas creanças, seguindo da porta da escola para o logar de Calvães, onde foi buscar as arvores, que estavam no correio. No cortejo iam as duas bandeiras nacionaes, de sêda, oferecidas ás duas escolas pela junta de paroquia. As creanças cantavam o hino da bandeira, e de volta para a escola, cantavam o hino da *Arvore*.

Ao passar ao adro, onde estava muito povo, repicaram os sinos, e as creanças, descobrindo-se, cantaram a *Portugueza*. Ao chegar á escola onde tambem estava muito povo, falou o sr. M. M. Amador ás creanças, fazendo-lhes vêr a utilidade das arvores, e o professor tambem lhes recomendou que nunca se esquecessem do que sempre lhes recomenda, na aula, a respeito das arvores, lendo-lhes, por fim, alguns trechos adquados.

Depois de plantadas as arvores, foram queimadas perto de 15 duzias de foguetes, e então é que houve ocasião de vêr como os rapazes das escolas das aldeias sabem ginastica.

Saltaram-se vinhas, galgaram-se muros, para apanhar um foguete!

Depois o sr. presidente da junta mandou distribuir pelos alunos 4 arrobas de figos, e assim terminou a festa da *Arvore* nésta freguezia.

C.

UMA CARTA

Por nos chegar tarde, reservâmos para o proximo numero a publicação duma carta de Pindelo, concelho de Oliveira de Azemeis, na qual o seu signatario defende a situação do professor daquela freguezia acusado de pouco zeloso no exercicio das suas funções o que parece não ser verdade.

O 7.º aniversario de O DEMOCRATA

—=(*)=—

Saudações da imprensa

Do *Leiria Ilustrada*:

«O Democrata»

«Mais um ano conta este nosso presado colega de Aveiro, onde defende calorosamente os bons principios republicanos, a quem por tal motivo felicitâmos.»

Do *Correio da Feira*:

«O Democrata»

«Com o numero de 27 do corrente entrou no setimo ano de existencia este nosso presado colega, semanario radical de Aveiro.

Ao seu director, o intemerato jornalista Arnaldo Ribeiro, felicitâmos cordealmente por tal motivo e desejamos-lhe as melhores felicidades.»

Do *Povo de Porto de Mós*:

«Entrou no 7.º ano o nosso presado colega de Aveiro *O Democrata*. E' um denodado campeão das boas ideias republicanas, com cuja camaradagem muito nos orgulhâmos.

As nossas felicitações.»

Da *Gazeta de Arouca*:

«O Democrata»

«Sincéra e cordealmente felicitâmos este nosso intemerato colega republicano radical de Aveiro, pela sua entrada no 7.º ano de publicação. Muita vida, muitas prosperidades, eis o que lhe apetecemos.»

Do *Combate*, da Guarda:

«O Democrata»

«Entrou no 7.º ano de publicação este nosso colega de Aveiro, um dos mais decididos combatentes que encontramos no caminho da luta em que vinhamos.

E aí o temos ainda, decidido e vigoroso, mantendo-se no seu posto com dignidade e altivez, a lança em riste contra os inimigos da Republica, ostensivos ou disfarçados, porque atualmente ha um certo numero de inimigos que se disfarçam, mascarando-se de republicanos.

Ao valente camarada os nossos cumprimentos, um aperto de mão e... para a frente na mesma luta pela Verdade e pela Justiça.»

Da *Bairrada Livre*, de Anadia:

«O Democrata»

«Entrou no 7.º ano de existencia, este nosso valoroso colega, que se publica em Aveiro.

As nossas sincéras felicitações.»

Do *Futuro de Estarreja*:

«O Democrata»

«Entrou no 7.º ano de existencia este nosso presado colega, denodado e velho defensor do Partido Republicano Português no distrito de Aveiro.

Ao seu intemerato director, sr. Arnaldo Ribeiro, as nossas cordeaes felicitações, desejando-lhe muitas e longas prosperidades.»

Da *Alvorada*, de Guimarães:

«O *Democrata*, brilhante e austerissimo colega, que se publica em Aveiro, aportou ao 7.º ano de existencia—que não tem sido efemera, antes ardorosa e entusiasticamente interessada na Justiça, na Razão e no Direito.»

Do *Jornal de Alemquer*:

«Encetou o 7.º ano de existencia o *Democrata*, de Aveiro, um dos jornaes da provincia que mais se distinguiu na demolição da monarquia.

Cumprimentamos afectuosamente o ilustre colega, desejando-lhe o mais brilhante futuro.»

Raras pessoas em Portugal acreditam na religião. Uns professam-na por luxo, outros por conveniencia, outros por negocio, e todos por comodidade. Pouquissimas pessoas por convicção.

Antonio José de Almeida

Uma carta do sr. dr. Rodrigo Rodrigues

O jornal portuense *Primeiro Janeiro,* publicou no seu numero de domingo o seguinte:

Do nosso distintissimo amigo sr. dr. Rodrigo Rodrigues, director da Penitenciaria, recebemos a carta que segue e que visa a desfazer atoardas que circularam pela imprensa de Lisboa e a que um dos nossos correspondentes se referiu tambem. Folgâmos de poder esclarecer este caso e de prestar ao sr. dr. Rodrigo Rodrigues a homenagem da nossa estima e da nossa maior consideração:

Lisboa, 9 de março de 1914.

Sr. director de *O Primeiro Janeiro*—Porto

Sabendo que no jornal que v. dignamente dirige vieram umas referencias ás falsas e tendenciosas informações que me consta terem já aparecido por vezes em uns jornaes de Lisboa, dizendo-se que na residencia do director da Penitenciaria foram feitas obras á custa do Estado, para ali se alojarem pessoas da familia do director, por isso que a v. e ao jornal que dirige sou devedor de muitas atenções e estremada correcção, além da alta consideração que o elevado caracter de v. me impõe, dirijo a v. esta carta que espero tomará á conta de homenagem a quem julgo merecedor das minhas atenções e deferencias, e á qual v. dará o destino que julgue merecer.

E' facto, sr. director, que comigo viveram—no uso de um direito que nem a mais refalsada má fé póde contestar—meus irmãos, mãe e outras pessoas de familia; é porém absoluta e redondamente falso que o Estado gastasse um unico centavo na residencia em que sou obrigado a morar, em obras destinadas a servir, particular ou propositadamente, á coabitação na mesma casa de quem quer que fosse.

Tão falsa e caluniosa como esta afirmação só é outra de que pela saída dessas pessoas de familia se hajam desfeito quaesquer obras ou despregado um só prego.

Cérto é sim, sr. director, que logo que tomei conta deste logar pedi e obtive autorisação do ministério da justiça para que fosse permitido adaptar a quarto de banho—e isso porque não havia tão *escandaloso luxo* em tão grande casario—um canto do edificio. De saber é, porém, que tudo o que não são paredes foi adquirido com o meu dinheiro.

Egualmente pedi e obtive autorisação, pouco tempo depois, para efectuar umas pequenas obras destinadas a restringir a uma parte só a ocupação de tão grande casa por ser excessiva para mim. Taes obras, porém, que dificilmente custariam mais de uma centena de escudos, foram pedidas em 1912, e executadas quando pôde ser, isto é, quando comigo já viviam aquelas pessoas de familia.

Tratando-se, aliás, de pequenas obras autorisadas superiormente, julgo que ninguem precisará de melhor prova de má fé.

Ha, porém, mais e melhor e, para que v. possa avaliar com seus proprios olhos da intenção dos inventores, envio a v. os recibos que possuo relativamente ás obras que me aprouve mandar proceder nos meus proprios aposentos e de minhas filhas, pagando da minha algibeira obras em edificios do Estado e que podia obter do ministério do fomento, como legitimamente fazem todos os funcionarios.

Como v. verá anda essa despêsa por uns 180$. Será, porém, possivel que tambem essas obras hajam servido para especulações contra quem não tem tido a habilidade de arquitectar calunia que perdure?

Pois haverá alguem, mesmo tratando-se de obras pagas pela algibeira particular, que possa dizer que elas eram indispensaveis á acomodação de alguem?

Inventou-se ha dias—e disso houve éco no parlamento com possibilidade apenas de ferir em cheio a Republica—que o director da Penitenciaria enlouquecia os presos com os maus tratos que lhe dava! O proprio peso da calunia esmagou os caluniadores. Agora... é o que v. vê.

E para deixar de abusar da paciencia de v., devo dizer que realmente é verdade que deixaram de viver comigo os parentes que o faziam. Apesar do incontroverso direito que nos assiste, como quem póde dispôr de sua casa, seja ela em edificio do Estado ou por ele subvencionado—e ha milhares de individuos nestas condições—a verdade é que, sem que isso represente fraqueza ou transigencia, mais vale a voluntaria amputação de um tal direito, que só póde ferir o nosso interesse afectivo ou material, do que aturar os enxovalhos de pessoas pouco escrupulosas.

A isto chegamos.

Com a mais alta consideração e estima creia-me

D. v. etc.

Rodrigo Rodrigues
(Director da Penitenciaria)

Temos lido e tem-nos revoltado por vezes a requintada má fé com que se pretendem atribuir ao sr. dr. Rodrigo Rodrigues actos, que ao seu caracter repugnam e a sua educação repele, sem respeito algum pela verdade, sem a mais leve consideração que todo o homem deve ter pela honra e a dignidade do seu semelhante.

Mas, afinal, quem são os detratores do dr. Rodrigo Rodrigues? Quem são os moralistas que o abocanham? Quem é essa gente que lhe atira punhados de lama, que o pretende enxovalhar, caluniando-o e assacando-lhe responsabilidades que não tem? Quem é? Não andâmos muito longe da verdade se dissermos que nenhum dos vários Silva Passos que por Lisboa se entreteem a escrevinhar nas gasêtas suspeitas e a soldo da tropa fandanga monarquica ou mesmo outros que se dizem republicanos mas que só demonstram, com os seus processos, ser *republiqueiros*, consegue atingir esse austerissimo cidadão que se chama Rodrigo Rodrigues naquilo que ele possue de intangivel que é o seu caracter, a sua honestidade, o seu cavalheirismo, emfim.

Não precisa o ex-governador civil de Aveiro e ministro do Interior da defêsa do *Democrata* para que a sua reputação se conserve inalteravel como inalteravel tem sido a sua conduta politica e de funcionário da Republica. Mas a nós é que não nos sofre o animo de vêr a cada passo caluniar homens da envergadura moral do dr. Rodrigo Rodrigues e de aí este nosso protésto que é tanto mais veemente quanto vemos refletirem-se nas instituições que ele dedicadamente serve as afrontas de que são vitimas os republicanos de maior evidencia.

E isso não póde ser.

ENTRE MONARQUICOS E REPUBLICANOS

Começou a função.

Ha dias, em Loures, proximidades de Lisboa, os realistas recentemente amnistiados de tal momo se manifestavam, depois dum banquete, pela restauração da monarquia dos adiantamentos, que a bréve trecho os republicanos se viram obrigados a intervir na festarola zupando-os bem zupados.

No domingo, em Coimbra, tambem os reaccionários, com *canastras*, *canastrinhas* e *canastronas* á mistura se preparavam para efectuar nos claustros da Sé Nova um comicio de protesto contra a cedencia da egreja de S. João de Almedina ao muzeu Machado de Castro, que a grande maioria da cidade aplaude, quando os liberaes se apodéram da mêsa e põem no olho da rua á bengalada toda a malta, que nêsse dia não ganhou para sustos.

Finalmente, em Lisboa, déram-se na segunda feira gráves conflitos á saída do teatro Ginasio onde têve logar uma récita cujo produto se destinava aos realistas pobres e á qual assistiu bastante daquéla gente que hoje faz do seu monarquismo modo de vida. Pois, como dizemos, á saída trocou-se lambada e paulada bravía disparando-se tambem algun tiros o que motivou ferimentos vários entre os contendores.

Não comentâmos. Só diremos que os republicanos não pódem nem devem ficar impassiveis deante das constantes provocações da reacção nem dos que por todas as fórmas pertendem trazer o país desasocegado.

E' olhar para o que disse aquêle conselheiro monarquico de Agueda, colaborador assiduo da *Soberania* cujos artigos eram firmados com estas simples letras: *A. de M. — Poderão á nação portuguêsa vir dias de gloria ou dias de desastres*, **mas a fórma monarquica jámais poderá resurgir dentre os escombros duma ruina ou da expansão duma politica generosa e grande.**

Perceberam?...

Feira da madeira

Teve logar ontem a feira anual da madeira e utensilios de lavoura, nesta cidade, que foi muito concorrida fazendo-se importantes transações.

Veio bastante gente de fóra.

As convicções religiosas, em Portugal, são poucas. Estão reduzidas ás mulheres e pouco mais. Todavia, e por isso mesmo, o conflito religioso existe, Existe, porque êle se apresenta com um aspeto catolico, embora no fundo seja coisa diversa. Mas existe, sobretudo, porque o partido clerical se arvorou em partido politico. O partido clerical é perigoso, depois que êle se pôz uma coleira de policia e cingiu um terçado.

Antonio José de Almeida

ORNEANDO...

O *Camaleão* voltou na quarta-feira a investir com o sr. comissario de policia, de quem diz coisas, sem, contudo, concretisar facto algum, como é velho uso dos pulhas que só sabem fazer encapotadas e hipocritas insinuações. Tambem os nossos amigos padre Paulo Guimarães e capitão Ferreira Viegas pelo mesmo processo são alvejados o que nos leva a crêr que da banda dos repugnantes *correligionarios* do sr. dr. Afonso Costa, em Aveiro, alguma coisa ha em vista de interesse proprio.

Querem festa, os imoralões. Os bandalhêtes querem festa...

Declaração

João Pereira Campos faz publico que para os efeitos do decreto de 21 de Outubro de 1863, vai estabelecer a sua fabrica de telha e tijolos, proximo ao canal de S. Roque, desta cidade.

Notas mundanas

No comboio das 13 horas de ontem seguiu para Coimbra devendo de lá ir a Lisboa acompanhar o seu netinho, Oscar, que embarca no dia 1 de Abril para Loanda, a sr.ª D. Ludovina Gamélas Costa, presada mãe do nosso bom amigo sr. Francisco Vieira da Costa.

= Regressou do estrangeiro o activo negociante de Nariz, sr. Manuel dos Santos Silvestre.

= Visitaram-nos os srs. Manuel Lopes Povoa, de Eirol, José Batista de Pinho, de Arada e Antonio Corrêa Godinho, de Pindelo, que aqui estevêram com curta demora.

= De regresso duma viagem á Africa encontra-se em Aveiro o sr. Vasco Soares.

CRONICA CLERICAL ULTRAMARINA

Gasta o govêrno dezenas e dezenas de escudos com os padres, transformados em missionarios, vindos da metropole para a Africa afim de cá exercerem o ensino, a catequese, a caridade, o amor, e a virtude. Chegam e apresentam-se ao bispo da diocese com uma humildade untuosa, muito bem estudada, que mais parecem filhos benignos e sacrificados com o abandono das cousas do mundo, do que homens filhos dos homens do trabalho, da labutação honrada que dá o pão e felicidade a uma familia inteira. Tudo nestes homens, porem, é ficticio, porque os educaram distanciados da verdade, no campo enganoso das aparencias e no lodaçal da impostura. O bispo, de ordinario mais franco, mais jovial, homem de saber e de honestidade, põe estes pobres tonsurados á vontade; dedica-lhes palavras de amor e afecto como um pae; aconselha-lhes a higiene, o cuidado com a saude, o recato na vida moral, a dedicação no seu ministério, o desprendimento nos interesses e a paciencia em todos os trabalhos eclesiasticos.

Procura insuflar-lhes força, animo, alegria e virtude. Trata-os como irmãos, de igual para igual. Senta-os á sua meza; toda a conversação é uma catequese de amor, é um brado de caridade e virtude!

Despacha-os para as paroquias do interior; ele mesmo, Bispo, trata de provel-os do seu bolso com o indispensavel para que não sofram necessidades; o mais das vezes acompanha-os a bordo ou ao caminho de ferro, conforme o destino a seguir, abraça-os efusivamente na hora da despedida, abençoa-os, deixando-lhe na impressão consoladora, repleta de gentilissima caridade e cheia de sumo goso!

Nas primeiras duas horas de viagem para a sua nova igreja, o novel missionario pensa no seu bispo e nas suas carinhosas palavras, prometendo no seu intimo cumprir á risca as ordens e conselhos do prelado. Depois divaga atirando com o pensamento para a patria que deixou, encantando-o a lembrança duns olhos negros que divisava defronte da casa paterna; atravessa-lhe o coração uma saudade intima da sua vida de rapaz livre, daquele tempo em que podia namorar á vontade, sem receio de excomunhões ou castigos do inferno; treme ao lembrar-se que as ordens lhe captivaram todas as expressões do amor, todas as deliciosas caricias que poderia usufruir, como os outros homens, ao pousar os labios sequiosos no rosto da mulher amada!

Então, recostado e com os olhos no horisonte, deixa deslizar, num silencio seqüioso, algumas lagrimas tão ternas e tão profundas que causariam magua a um coração de granito! Passada esta crise de dores pungentes que lhe rasgam o coração, pergunta de si para si, num profundo arranco de desespero:— será possivel que um Deus de piedade e ternura condenasse algum de seus filhos á esterilidade do amor e da ventura, quando tudo que vive, ri e canta, desabrocha com todas as belezas patenteadas tão prodigamente pela natureza creadora? Será possivel que seja necessario, em quaesquer das instituições humanas, o sacrificio absurdo e incompativel com a propria Natureza, de o homem negar-se a si mesmo a cooperar, como todos os seres, para a procreação venturosa e progressiva do seu proprio genero que é o genero humano? Não acalenta o sol todos os seres desenvolvendo-os e preparando-os para as leis da multiplicação, para o eterno reviver das raças passando-se o sangue, o amor, a natureza e por assim dizer a propria alma para o entesinho que é nosso filho, quando a vida se nos extingue? Por ventura o Criador impoz a algum ente a esterilidade, a repressão dos impulsos naturaes, a sufocação violenta da expansão sublime da natureza que faz o progresso da vida humana? Não mil vezes não! Os livros santos aconselham, mandam e a Republica quer, a fim de evitar tanto escandalo, que o bispo, o diácono sejam casados, maridos duma só mulher, que governem bem a sua casa e criem seus filhos no santo amor e temor de Deus, do que andar a seduzir mulheres honestas.

. . . .

Chegou finalmente á sua paroquia, mas não encontrou igreja, nem escola, nem virgens odaliscas para adorar, nem alguem que se regosijasse ou ao menos se interessasse pela sua chegada! Deus ainda não é conhecido cá por estes sitios, murmurou o corrompido padre, e poz-se em passeio pela povoação. Apareceu-lhe o regulo que lhe deu as boas vindas, oferecendo-lhe hospitalidade naquela noute, Conversaram demoradamente sobre a instalação da igreja, observando-lhe o preto que não se arreiasse muito com isso, visto que até áquela época tinham passado perfeitamente sem tal luxo... Um quarto qualquer serviria para celebrar, um altar portatil, como era de costume em Africa. Escola não havia nem era necessaria, mas que descançasse sua reverendissima que recebia no fim de todos os mezes os seus proventos, como paroco e professor. Esqueceu-se finalmente da sua missão e preveniu-se nada menos com seis creadas, todas fortes e provocantes, formando assim o seu harem; entregou-se de alma e coração a quanto ele sómente missionava admiravelmente: ao amor material das odaliscas. Estes pobres, de zero aberto na cabeça e de saião a esconder-lhe o corpo, nada prestam á humanidade; pelo contrario: bestializam-na. Se amavam a temperança desperdiçam-na com a gula; se tem vivido nos altares da castidade, por necessidade ou convicção, saltam fóra desta orbita honrosissima, para acarinharem impudente a luxuria; se já praticaram caridade e amaram, num momento esbofeteiam-na para viver com avareza no campo da impudicicia e do escandalo! Pelo relato feito, Portugal apenas deve ás missões e aos missionarios algumas revoltas que nos teem custado caras; a decadencia progressiva da nossa vida moral, pelas feias acções da maior parte deles, tendo alguns uma vida de constante escandalo, o que prejudica a nossa dignidade de nação colonisadora; o gastar-se com esta comunidade o que tão necessario era para auxiliar o lavrador com alfaias agricolas, braços de trabalho e escolas de artes e oficios para assim colonisarmos essas nossas ricas colonias invejadas pelo estrangeiro.

F. O. A. J.

Necrologia

Vitimado pela tuberculose, socumbiu na sexta-feira ultima nesta cidade o sr. João Joaquim Gamelas, mais conhecido pelo *João Areias*, solteiro, de 31 anos de idade, a quem os seus amigos prestaram sentida homenagem indo acompanhal-o á ultima morada.

= Tambem no Porto faleceu na madrugada de domingo um irmão do sr. Francisco Pinto de Almeida, conceituado ourives estabelecido entre nós ha muitos anos.

A's familias enlutadas o nosso cartão de pêsames.

= Chega-nos a dolorosa noticia da morte, em Ovar, da sr.ª D. Maria do Carmo da Silva, senhora de elevadas virtudes e que durante a sua existencia deu os mais alevantados exemplos de quanto póde a dedicação duma esposa e o amor duma mãe.

Professora oficial ha largos anos, póde afoitamente afirmar-se ter sido ela quem, com inexcedivel proficiencia, formou a alma de gerações sucessivas que hoje naquéla importante vila desempenham as elevadas funções de mães de familia.

E' justo dizer-se aqui, que D. Maria do Carmo não era a professora vulgar que limitasse ao restricto exercicio das suas funções o desempenho do seu cargo. Profundamente inteligente e culta, numa doçura cativante aliada á lhaneza dum fino trato, quer em convivio quer na sua cátedra de professora, éla era adorada pelas suas alunas a quem não se contentando em instruil-as, como poucas, lhes dava o inconfundivel exemplo da sua vida do seu lar e das suas virtudes, juntamente com o conselho persistente e persuasivo para o bem e para o belo, encaminhando assim pela estrada do Dever, da Honra e da Luz centenas de almas que certamente orvalharam com lagrimas de intima gratidão e eterna saudade o cadaver da santa velhinha, cuja fisionomia serena e ainda béla, emoldurada nos seus cabelos brancos, tinha alguma cousa de estranho e inconfundivel.

Faltariamos a um dever de respeitoso afecto e de infinda gratidão se deixassemos de registrar nas modestas colunas do *Democrata* o tristissimo acontecimento e estas palavras que, embora pobres, são, todavia, excessivamente repletas de convicção e de saudade.

A ilustre finada era esposa do nosso bom amigo Antonio Duarte da Silva, empregado publico aposentado e mãe do sr. major Medina, do 1.º oficial dos telegrafos Gregorio Medina, do capitão Belmiro Silva, dos nossos amigos Virgilio e Arnaldo Silva, empregados postaes, e das sr.as D. Maria Adelaide, Matilde e Aurelia Silva, sendo esta ultima quem substituia a saudosa velhinha no exercicio das suas funções.

A todos a expressão muito intima das nossas condolencias.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Carta de Africa

Beira, 25 de fevereiro

No vapor *General* partiu ontem para Lisboa, acompanhado de sua ex.ma esposa e filhinhas, o distinto medico e ilustre republicano dr. Artur Leitão.

A bordo foram-se despedir de s. ex.ª grande numero de amigos e correligionarios, que á partida do vapor levantaram vivas á Republica, ao dr. Artur Leitão, a Afonso Costa, á Patria livre, etc.

O dr. Leitão, comovido, agradecia as provas de simpatía e amisade com que o distinguiam os seus correligionarios.

Bôa viagem e que s. ex.ª regresse em bréve, são os nossos maiores desejos.

= Tambem no mesmo vapor seguiu viagem para Moçambique, o nosso amigo e ardente republicano João Batista Ruivo, empregado comercial da casa J. A. Simões, daquela cidade.

= Foi lido com agrado pelos livre-pensadores aqui residentes, o novo jornal anticlerical *O Amigo do Povo*, que iniciou a sua publicação no Porto, e que é dirigido pelos velhos republicanos, Bartolomeu Severino e José Vieira.

= E' vergonhoso o desplante com que alguma gente tenta enxovalhar a dignidade do grande liberal, padre Manuel de Andrade Serodio, de Oliveira de Azemeis.

A este cidadão teem movido as maiores afrontas porque o padre Serodio tem sabido respeitar as leis da Republica, despresando as ordens dadas pelos dirigentes desm bando de corvos que vestees o balandrau e sapatos de fivéla, e que a qualquer ataque á Republica lá estão á frente armados de navalha de ponta e mola, prontos a atacar tambem.

Republicanos oliveirenses! E' preciso estar sempre álérta, para escorraçar esses tonsurados, inimigos figadaes da Republica.

C.

Publicações recebidas

O Totemismo, de Fraser— **A Origem dos Árias,** de Salomão Reinach, traduzidas pelo erudito professor Agostinho Fortes, são duas obras que se impõem á consideração dos estudiosos, não só pela importancia dos assuntos de que se ocupam, mas pela respeitabilidade cientifica dos autores. **O Totemismo** é absolutamente indispensavel áquêles que conscientemente queiram conhecer a evolução do espirito religioso, desde as suas primeiras manifestações; explica êle muitos factos que ainda nas religiões mais avançadas se encontram e que, para muitos espiritos ligeiros e superficiais, nenhuma explicação plausivel possuiam. Na **Origem dos árias,** grupo etnico a que pertence a gente portugueza, achará o curioso de saber a exposição clara e sucinta do que sobre tão complicado e intrincado problema se tem escrito.

E não se diga que é assunto que só possa interessar a homens de gabinête; na necessidade, cada vez maior, que todos os espiritos progressivos sentem de estar ao corrente de todos os problemas que digam respeito á evolução da especie humana, **A origem dos árias** é obra que muito deve atraír e grande serviço prestará. Recomenda ainda este velume, se de alguma recomendação êle carecesse, o facto de haver sido traduzido pelo director da nossa Bibliotéca, o bem conhecido professor Agostinho Fortes, cuja meticulosidade é proverbial no nosso meio literario e cientifico.

A' *Bibliotéca de Educação Nacional*, que as editou num só volume por um preço excessivamente modico—20 cent. brochado e 30 cartonado—os nossos agradecimentos pelo exemplar oferecido e que bastante apreciámos.

= Acusamos recebido tambem o *Almanaque do jornal O Benaventense* em cujas paginas, além do que é dado a estas publicações, se encontram grande numero de gravuras a par duma escolhida colaboração literaria que tornam o almanaque do nosso presado colége deveras interessante e apreciavel.

Muito reconhecidos pela oferta do *Benaventense*, velho jornal republicano da vila donde tirou o nome, e oxalá a sua iniciativa seja perduravel.

= Intitulada **Os Traidores** recebemos uma nova satira do sr. José Flores, que é dedicada ao ex-presidente

do ministério, sr. dr. Afonso Costa e ao partido Democratico português.

O sr. José Flores habitá atualmente em Inhambane, Africa Oriental, sendo os seus versos um vibrante protesto contra as iniquidades que se veem praticando com o maior desprestigio para a Patria e para a Republica.

Os nossos agradecimentos pelo opusculo, cuja leitura muito nos agradou.

=**O Misterio da Ressurreição,** é um romance historico que egualmente foi posto á venda nas livrarias no qual o seu autor, sr. Eduardo de Aguilar, narra as aventuras dum estudante seminarista por fórma a conservar os leitores em constante hilariedade.

Nas suas 280 paginas contém esse livro ainda bastante que aprender, sobre tudo se fôr folheado por inesperientes da vida pois lá se encontram interessantes casos reaes por onde se vê que isto de mulheres não ha que fiar...

Com os nossos parabens ao autor de *O Misterio da Ressurreição*, que outra obra nos anuncia já—*Tragedias de Roma*—queremos significar-lhe a gratidão de que estâmos possuidos por nos ter proporcionado algumas horas alegres no meio dêste constante labirinto em que vivemos.

=Pelos nossos colégas da *Humanidade*, srs. J. da Silva Fialho e Moreira de Sá, professores da Escola Nacional de Agricultura de Coimbra, foi-nos enviado um livro—**Trabalhos Manuais Educativos**—sobre o ensino intuitivo da geometria por meio de plicatura e recorte do papel, acompanhado do caderno destinado ao aluno, em que ambos colaboram, e que, não ha duvida, se nos afigura um trabalho á altura do fim a que se destina.

Assim êle tenha a devida aplicação na instrução primária, como nas escolas normaes, como no 1.º ano dos liceus a que os seus autores o aplicam.

Agradecemos.

CARTA

—=(*)=—

Cidadão redactor

Tendo lido uma carta que foi publicada no seu acreditado jornal O Democrata *de 6, que faz referencia ao professor dêste logar de Pinhão de Pindelo, respeitante á instrução que administra, não só venho por este meio confirmar perante o publico a verdade que a mesma narra, como tambem ampliar mais o seguinte: Em geral, o povo, devido á antipatia que o professor gosa, por se tornar mais interesseiro pelo leite do que pela instrução, resolveu não lho vender; apezar disso e segundo me afirmaram tem continuado a pedir por aí para lho tornar a ceder oferecendo mais vantagens que as outras industrias.*

Por aqui se vê que, devido aos seus interesses, abandona o seu mister para se tornar um industrial, ou, para melhor dizer, um leiteiro e comerciante de pórcos. A instrução que tem dado nada tem produzido para os seus alunos, havendo alguns que os traz lá,vae para quatro a cinco anos e outros que lá tem andado sairam sem nada saber. A escola esteve fechada desde agosto até dezembro preterito servindo esta durante este tempo de palheiro; ora isto tem revoltado o espirito do povo.

No tempo da extincta monarquia, tinhamos cá um bom professor que actualmente ministra a instrução em Couto de Cucujães,mas o caciquismo tirou-o daqui e dotounos com esta bêla prenda. A instrução é precisa porque é um dos lemas da Republica instruir o povo; este porém, vendo que o professor de cá nada ensina, fez com que as creanças abandonassem a escola e se fossem matricular nas de Nogueira do Cravo, S. Roque, Osséla e Macieira de Cambra. Sem tibiezas havemos de punir pela instrução custe o que custar.

Em vista désta minha narrativa, faço venia afim de chamar a atenção do cidadão inspector do circulo escolar de Oliveira de Azemeis para que ordene uma sindicancia á referida escola; do contrario o éco da nossa vós contiñuará até chegar ao Ex.mo ministro da instrução publica.

Mais faço vêr que a matricula das creanças em edade escolar désta freguezia é em numero de setenta, sendo a escola frequentada só pela terça parte.

Pela inserção déstas linhas, muito grato lhe fica o que se subscreve

De v. etc.,

Pinhão, 3 -914.

Elmusa

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

MARÇO

DIAS	PHARMACIAS
22	ALLA
29	BRITO

CORRESPONDENCIAS

Castélo de Paiva, 9

(Retardada)

Os monarquicos conspiradores e talassas são os unicos que teem aproveitado com a Republica.

Filiámo-nos no Partido Republicano nos fins de 1907 e a março de 1908 organisámos a comissão, abandonada pelo presidente poucos mezes depois.

O Directorio que estava competentemente informado, encarregou, apoz a implantação da Republica, o substituto, para proceder á reunião da comissão. O encarregado deu os seus poderes ao efectivo e o que se passou nesta reunião foi um crime de lesa-patria! Desejâmos ir relatando os factos que se tem passado, antes da retirada da autoridade porque receio algum temos de dizer as verdades, como temos dito, e pelo que ainda nño fomos desmentidos ou chamados aos tribunaes.

=Felicitâmos os paivenses patriotas e republicanos sincéros pela nomeação do digno magistrado désta comarca.

C.

Cóvas, Taboa 9

(Retardada)

Felicitâmos *O Democrata* pelo seu 7.º aniversario.

Saudâmos o seu ilustre director pela orientação e coerencia de principios seguidos pelo audaz defensor da democracia.

O Democrata não agrada *a meia duzia de salafrarios*, mas tem a apoial-o todos os bons e sincéros republicanos, que á causa da Republica têm dedicado todo o seu esforço.

Fazemos votos pelas suas prosperidades, enviando ao nosso amigo e correligionario, Arnaldo Ribeiro, um afectuoso abraço.

C.

Pará, 26 de Fevereiro

Devido á crise, os vapores que ultimamente daqui levantaram ferro com destino á Europa tem levado grande quantidade de passageiros e outros cá tem ficado por falta de comodos a bordo, pois só no vapor *Antoni* que saíu em 4 do corrente foram 80 a maia que a lotação e o mesmo se tem dado em outros vapores, cujas passagens são disputadas muitos dias antes de deixarem este porto.

=Durante o mês de janeiro ultimo faleceram nêsta capital 12 portuguêses.

=Embarcou no dia 12 do corrente com destino a Lisboa, acompanhado de sua esposa, aonde tenciona demorar-se alguns mêses o nosso amigo sr. Luís Danin Lobo, vice-consul português nêste Estado.

Ao seu embarque compareceram os srs. Enêas Martins acompanhado do seu ajudante de ordens; o sr. intendente de Belem, dr. Eduardo Reis; J. A. de Magalhães e muitos outros cujos nomes não nos ocorre.

Tambem se achavam representadas as sociedades portuguêsas, a saber: pelo *Centro Republicano Português*, os srs. José Rodrigues Pacheco, Marcelino Fonseca e Augusto Alves Teixeirà.

Pela *Beneficente Portuguêsa*, dr. Emilio Corrêa do Amaral, Manuel Valente Portovedro Junior e Norberto de Matos Almeida.

Pela *Tuna Luzo Caixeiral*, Maximino Ladeira e Custodio da Fonseca Filho.

Pela *Liga Portuguêsa de Repatriação*, Amandio Pinto da Silva e J. J. Nunes da Silva.

=Para que os leitores avaliem a maneira *delicada* como os portuguêses aqui são considerados pelos nacionaes, vamos transcrever um pequeno trecho dum artigo publicado ha dias pela *Folha do Norte* e assinado pelo sr. João Alfredo de Mendonça, o qual, referindo-se ao piano do falecido Carlos Gomes, disse o seguinte:

«Bartolomeu de Gusmão, o nosso imortal patricio que ensaiou as primeiras tentativas déssa grandiosa tentativa do espaço, hoje realisada, tem as suas cinzas atiradas a um pedaço de solo de Sevilha, tal como os saudosos monarcas brazileiros insepultos numa terra estranha, onde a inconsciencia de quem não respeita o asilo oferecido pela nossa legação a um perseguido politico, é capaz de dar ámanhã, a éssas cinzas preciosas o destino que tivéram os despojos de Marat.»

Temos a dizer ao sr. Mendonça que se não fôsse Portugal reclamar o corpo de D. Pedro para junto do corpo de sua esposa, que se acham ambos na egreja de S. Vicente, em Lisboa, êle teria ficado em *Canes* aonde fôra sepultado. Portanto Portugal cumpriu um dever que faltou aos brazileiros e o sr. Mendonça se tivésso um bocadinho de bom senso devia ser grato a Portugal pelo acto que praticou.

Enquanto ao que diz a respeito do asilo dado ao conspirador dr. Lobo de Avila Lima na legação brazileira e que esse asilo não fôra respeitado, isso não é verdade e portanto achamos melhor que o sr. Mendonça lance as suas vistas para o que lhe vae por casa e se deixe de amesquinhar a Republica Portuguêsa porque esta tem progredido mais em três anos do que...

=No dia 8 do corrente pelas 6 horas, quando andava servindo alguns freguezes no Largo da Polvora, foi atingido numa das côxas por uma bala de revólver o sr. Antonio Euzebio, filho do nosso amigo sr. Manuel Euzebio Pereira, de Cacia.

Supõe-se que o tiro fôsse casual, visto que a certa distancia se achavam altercando dois individuos que fugiram quando o ferido pediu socorro, indo em seguida queixar-se á policia, a qual lá o mandou ir no dia seguinte para tomar conta das suas declarações.

Aqui póde-se dar um tiro em qualquer português, que a policia não se encomoda...

Enquanto ao ferido, posto que a bala ficasse alojada junto do fémur, continua trabalhando.

=Realizou-se no dia 12 do corrente a eleição para os corpos gerentes do *Grémio Literario Português*, que deverão gerir os negocios désta associação durante o ano corrente.

Alguns *talassas*, prepararam-se para eleger gente sua, mas os republicanos obstaram que tal se désse.

=Foi aqui bem recebida a noticia da formação do novo gabinête português, pelo sr. Bernardino Machado.

Tem sido bastante comentado a oposição inconsciente que estavam fazendo ao govêrno uns três ou quatro individuos a quem o país não deve tolerar a sua entrada no Parlamento.

=A Câmara do Comercio portuguêsa, parece que deixou de existir, pois já ha mezes que não reune.

Parece ter sido *vitima* do desleixo.

=O sr. Carlos Cotélo, consul português nêste Estado, está creando alguns vice-consulados em cidades, taes como, Bragança, Santarem, Obidos etc., o que é uma medida de grande alcance visto reduzirem naquélas cidades um grande numero de portuguêses.

=O carnaval decorreu um pouco inferior ao de outros anos, devido á crise; contudo compareceu muita gente ao Largo da Polvora o que tornou um pouco animados os divertimentos da época.

C.

Câmara Municipal de Oliveira de Azemeis

CONCURSO

A Comissão Executiva da Câmara Municipal de Oliveira de Azemeis, fáz público que abre concurso, por espaço de 30 dias a contar da segunda publicação dêste anuncio no *Diario do Govêrno*, para provimento do partido medico do Pinheiro da Bemposta, com residencia naquéla freguezia, pulso livre, ordenado anual de 200$00, e com obrigação de tratar gratuitamente as pessoas designadas por lei e demais obrigações legaes.

Os concorrentes devem apresentar na Secreraría da Câmara dentro do referido praso, todos os documentos exigidos na legislação em vigor.

Oliveira de Azemeis e Paços do Concelho, 5 de Fevereiro de 1914.

O Presidente da Comissão Executiva,

Ernesto C. S. Pinto Basto